

Farnese da Saudade (RJ)



Foto: Rodrigo Castro

Casamento bem feito: Farnese de Andrade e o teatro

"[Farnese da Saudade](#)" tem ganhado merecidos elogios porque é aquilo que quer ser: um "espetáculo instalação". Leia-se nisso a vontade da obra de ser, sim, teatro, mas um tipo de encenação em

que a sensorialidade pesa mais que a narrativa. De fato, na cena dirigida por Celina Sodré e interpretada por Vandré Silveira, o visual do cenário e do figurino, da iluminação de Renato Machado, da trilha sonora e da movimentação contam bem mais do que o texto dito em cena. Importa, assim, menos a história do artista plástico mineiro Farnese de Andrade (1926-1996) e muito mais a sua obra, a sonoridade de seus objetos, esses justapostos de forma a expressar as marcas do homem, do tempo, da simples passagem.

Indicado a prêmios, o cenário é uma instalação de ferro em formato de cruz criada pelo ator Vandré Silveira, inspirada na obra de Andrade, mas com influências da obra *Passage Dangereux* (1997), de Louise Bourgeois. Dentro dessa espécie de "gaiola", pairam objetos referentes ao repertório plástico de Farnese de Andrade, incluindo o próprio ator, cujo figurino e maquiagem, com uma pintura de Antônio Sodré Schreiber, é também parte desse visual. A fruição é melhor quando, esquecido o texto, a atenção é posta na evolução dos lugares em que cada objeto é posto e repostado.

Infelizmente, a dramaturgia é cambaleante: de trechos de depoimentos de Andrade, o texto vai para orações em latim, num movimento regular, monótono e cansativo. Com ótima dicção e voz afinada, Silveira interpreta bem e consegue tirar bom resultado, fruto de grande esforço. Os melhores momentos estão no final quando, liberto da gaiola, a encenação se recria e oferece algo novo espectador. Nesse momento, o ator, bastante próximo do público, deixa ver sua entrega, sua emoção e faz da plateia uma especial audiência para o seu espetáculo.

Fruto de uma pesquisa de cinco anos, "Farnese da Saudade" é um projeto meritoso pelo intento e pelo resultado que celebra a vida e, de forma especial, a obra de um grande artista brasileiro não tão conhecido como deveria. O teatro aqui é uma forma bem usada de dar a ver o fluxo imagético de Farnese de Andrade. O ponto alto é o desafio árduo mas vencido de mostrar sem espetacularizar, tornar teatro sem se tornar os objetos mera ilustração de uma biografia, trazer as obras sem tirá-las de todo da sua origem primeira: as artes visuais. Um espetáculo-instalação que deve ser visto e aplaudido.